ANO XVI

Bem-Te-Vi

Nº 11

Novembro de 1938

Marçal é um rapaz indio filiado à Missão Caiuás. Quando ele tinha cerca de dez anos, foi mordido por uma cobra e quasi morreu. Dr. Nelson Araujo salvou-lhe então a vida e Marçal ficou tão grato que resolveu ficar para sempre com o seu benfeitor. Encontra-se lá na Missão ha uns seis anos e é o unico indio convertido, batizado e que se está preparando ~~para~~ cooperar naquele trabalho.

Cada menino tem algum desejo muito forte em seu coração, não é verdade? Pois o de Marçal era ter uma bota de cano de couro. Nada mais razoavel para um rapaz que anda no mato e até já foi mordido por cobra! Uma boa amiga de Marçal quís satisfazer-lhe a vontade e mandou-lhe a importancia para comprar a bota. Mas nesse meio tempo Marçal já tinha crescido mais, mudado de idéia e, quem sabe, esquecido a cobra.

Eis a cartinha que ele escreveu em agradecimento:

Campo Grande, Mato Grosso,
28 de Junho de 1938.

Prezada Miss Epps,

Saudações em Cristo.

Saúde e paz no Senhor Jesus é o meu desejo.

Venho agradecer-lhe por meio desta cartinha a oferta da Snra. que veiu ao cuidado do Dr. Nelson. Fico mais do que agradecido. Espero não se esqueça de nós. Fiquei sabendo que a Snra. vai para os Estados Unidos.

Ficamos contentes com a chegada do Dr. Nelson porque estava fazendo tanta falta. Nessa ocasião eu estava

UM PLANO para todo o "Bem-Te-Vista"

ainda em Dourados, mas vim para Campo Grande afim de estudar. Foi o Rev. Endes que arranjou lugar no colegio; estou aproveitando toda a oportunidade.

Há poucos dias recebi a carta de D. Mabel contando-me as noticias de lá; o trabalho vae sempre avançando, como na cidade entre os indios.

A D. Mabel contou-me tambem que D. Aurea e D. Loide estão na Missão afim de cuidar dos indiozinhos. Já ha 4 com elas—sabemos que o trabalho está sendo abençoado por Deus. Aqui em Campo Grande tambem o trabalho vai avante.

Esperava para ficar com o Dr. Nelson mas ele achou que eu devia aproveitar a oportunidade e estou aqui na casa do Rev. Endes. Dr. Nelson me disse que a senhora vem trabalhar entre os indios. Espero que venha. O dinheiro que me mandou por intermedio do Dr. Nelson deu bem para comprar livros para escola e tambem roupa. Sei que a senhora não se esquecerá de mim; faz muito tempo que desejava escrever á senhora. Aproveitando esta ocasião em agradecimento pela oferta que me mandou, espero resposta da minha carta.

Abraça-a com saudade,

MARÇAL

Muitas saudades para Gladys.

LISTA DE OFERTANTES:

Porto União, Sta. Catarina:

Alice França	Elza Hoff
Annita Betts	Fani Santos
Adolpho Adam	Gelta Santos
Carlos Niersgoski	Ilse Leland
Cecilia Niersgoski	João Saunders
Conceição Silveira	Maria Ramos
Diva Corrêa	Maria Martins
Dirneice Hoff	Maria Santos

Madalena Balduine

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XVI N.º 11
REVISTA MENSAL

Redação:
Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 657

Assinaturas:
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancy R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite

São Paulo, Novembro de 1938

Gerente responsavel:
Fernando Buonaduce

MEIO - DIA

Quando o sol enerva tudo,
o meu quintal fica mudo,
todo entregue à sua sesta.
A brisa não faz mais festa
às flores que cabeceiam;
respira tranquilamente
o arvoredo em que enxameiam
centenas de abelhas ruivas,
e até as aguas da corrente
embalam pedras no colo,
com afilados dedinhos
nas mugosas cabeleiras
que coçam, horas inteiras,
de manso, bem de mansinho...
Então, na ponta dos pés,
nos labios o indicador,
vamos, sem fazer rumor,
na rede tomar assento.
Ela nas argolas chia...
Uma linda borboleta,
estremunhada, um momento
vem pousar, trêmula, em mim.
E nós ficamos assim
contando em voz bem baixinha
historias, té que a mãezinha
nos chama para a merenda.
Com nossas exclamações,
tal como, em antiga lenda,
faziam os gênios bons,
em redor desperta tudo,
e o quintal que estava mudo
de novo se enche de sons.

O Segredo da Ilha das Garças

CAPITULO I

Cecilia passeava no terraço do hotel, admirando a baía azulada que cintilava aos raios do sol da manhã. No ar havia fragancia de flores e um bem-te-vi estridulava numa arvore próxima. A menina fitou-o demoradamente e ficou a pensar se ele se sentia, alí empoleirado, tão só quanto ela.

Tinham chegado na véspera à noite: Cecilia, sua mãe e Ana, a enfermeira da mãe. Era bom fazer uma estação à beira-mar, naturalmente, e a mamãe ia ficar mais forte com tanto sol. Mas a boa senhora precisava fazer longos periodos de repouso e Ana tinha de prestar-lhe cuidados, de forma que Cecilia ficava sem companhia.

Ela suspirou e disse baixo :

"Se ao menos houvesse outras meninas aqui — ou mesmo meninos".

Até aquela hora só tinha visto umas senhoras emproadas e uns homens de fisionomia preocupada.

— Você está *toda* sòzinha, *n'est ce pas ?* disse uma voz agradavel ao seu lado.

Cecilia voltou-se e viu uma moça francesa. A menina corou um pouco, percebendo que fôra ouvida.

— Estou, sim, disse após certa hesitação. Minha mãe está doente e eu não tenho com quem brincar.

A moça francesa sorriu bondosamente e fez com as mãos um gesto significativo.

— Você quer outras crianças *comme* você — *non* ? Venha cá. Venha comigo ao — como se chama mesmo ? Tiro ao Alvo ! Outras crianças — *lá bas*, terminou a moça, apontando para certo ponto da praia, onde se alinhavam grandes discos pintados de circulos de cores vivas.

— Muito obrigada, disse Cecilia.

Elas caminharam depressa na areia esfarelenta. Quando se aproximaram mais, Cecilia avistou um menino e uma menina de sua idade, que atiravam flechas aos discos.

— Está vendo ? disse-lhe a moça alegremente. Eles são gêmeos e eu, sua governante. Geraldo ! Maria Helena ! ela chamou. Venham ! E' uma nova amiga que está aqui !

Os gêmeos vieram prontamente. Cecilia simpatizou-se logo com eles. Geraldo era mais alto. Usava um terno branco e sapatos *tennis*. Maria Helena era bonita, com seu arzinho tímido e cabelos cacheados. Vestia um costume marinheiro — blusa branca e saia azul-marinho.

— Chamo-me Cecilia, apresentou-se a menina com coragem. Tambem estou hospedada no hotel.

— Que bom ! exclamou logo Maria Helena.

— E' mesmo ! disse Geraldo. Estavamos com vontade de que viessem outros *garotos* — quero dizer, outros

meninos, corrigiu ele depressa, reparando na testa enrugada da governante.

— Você quer atirar com arco e flecha ? perguntou Maria Helena.

— Eu — eu tenho medo de não acertar, balbuciou Cecilia. Parece tão dificil !

— Ora ! — não é nada ! disse a governante com vivacidade. *Attention!* Eu mesma vou ensiná-la !

Ela colocou uma flecha dentro do arco e com algumas tentativas já Cecilia estava atirando e às vezes acertando no disco.

— Upa ! Você aprendeu depressa ! disse Geraldo, admirado.

— Vamos fazer boa camaradagem, prometeu Maria Helena com um sorriso. Você pode nadar conosco esta tarde. Só pertinho da práia, naturalmente.

— Mamãe vai ficar contente, disse Cecilia.

— Sua mãe está aqui ? perguntou Geraldo. Que bom se a nossa estivesse — e tambem o papai ! Mas eles precisaram viajar e nós, enquanto isso, vamos ficar aqui com Mademoiselle.

— Duas crianças levadas da breca ! disse a rir a governante.

— Papai está no interior, disse Cecilia. Vivemos lá, mas mamãe tem estado doente e precisa deste clima para sarar. Porisso viemos para cá com Ana, a enfermeira.

— Ah, com este sol ela logo vai ficar boa, animou Mademoiselle, enquanto todos vinham voltando. A's duas da tarde você pode encontrar-nos no terraço — *n'est ce pas ?* Vamos nadar.

— Posso, sim, disse Cecilia.

Logo que os novos amigos sumiram de vista no elevador que os levava ao primeiro andar, Cecilia foi correndo contar para a mãe todo o sucedido.

D. Laura ficou satisfeita ao saber que havia outras crianças no hotel e deu licença de a filha ir com elas à praia. Cecilia mal pôde esperar baterem duas horas. Já uma hora antes estava pronta, com seu *maillot* azul, os sapatinhos de borracha e o chapelão de palha, amarrado sob o queixo por uma fita cor de rosa.

Ao chegar ao terraço, Cecilia encontrou só os gêmeos.

— Mademoiselle está com dor de cabeça, explicou Geraldo. Talvez devido a muito sol que apanhou esta manhã. Ela nos deixou ir sòzinhos à praia.

— E' aqui ao lado do hotel, disse Maria Helena, e não oferece perigos porque sempre há guardas que vigiam os meninos que nadam lá.

— Faz séculos que não nado, disse Cecilia com um suspiro feliz. Eu gosto tanto !

Os tres meninos dirigiram-se para a praia, conversando e rindo.

— Nós vimos cá todos os anos, disse Geraldo, mas é melhor quando mamãe e papai nos acompanham. Eles nadam, mergulham, remam, e nos ensinam tudo isso. Mademoiselle tem tanto medo que nos aconteça alguma infelicidade que nunca *quer* deixar-nos entrar na agua.

— Há uma ilhazinha interessante nesta baía, disse Maria Helena. Sempre temos vontade de ir de bote visitá-la. E' aquela, lá — está vendo ?

Cecilia seguiu com os olhos a direção indicada e avistou uma mancha escura nas aguas faiscantes de sol, onde

algumas palmeiras se curvavam despenteadas ante o céu azul.

— Parece mesmo interessante, disse Cecilia. Como se chama ?

— Chamam a Ilha das Garças, disse Geraldo, talvez por causa de servir de moradia a muitas dessas aves. Ela está abandonada há anos.

— Eu gostaria de ver uma ilha deserta — ir lá mesmo, disse Cecilia, pensando em Robinson Crusoé.

— Ih! eu não! disse Maria Helena com um estremeção. Para mim essas ilhas estão sempre cheias de cobras e canibais.

Eles tinham chegado à praia. As meninas sentaram-se e tiraram o chapeu e os sapatos. Amontoaram todos os seus pertences e entraram na agua às risadas e gritinhos, pulando cada vez que vinha uma onda.

Uma hora depois os tres sairam do mar, cansados de brincar e com fome.

— Já sei ! disse Geraldo. Vamos à Cabana do Pontão. Tenho aqui uns níqueis e podemos comprar qualquer coisa lá.

— Mas Mademoiselle — começou Maria Helena timidamente.

— Ora, nós voltamos logo, atalhou Geraldo. E eu já estou farto de ser vigiado como se fosse um nené.

— Que é a Cabana do Pontão ? perguntou Cecilia.

— E' uma casinhola onde vendem guaraná, sanduiches, pão-de-ló e balas. Fica perto do pontão dos pescadores. Vamos lá.

— Vamos, disse Maria Helena, erguendo-se de um pulo e limpando a areia dos braços.

Cecilia estava ansiosa por ver o pontão e os barquinhos que partiam todas as tardes para as pescarias. Eles compraram chocolate, pão-de-ló, e foram sentar-se na beira do pontão, de onde seguiam as evoluções de um gracioso barco a vela vermelha.

— Olhem ! disse de repente Geraldo, apontando para uma taboleta.

— *Alugam-se botes a dois mil réis a hora*, leu Maria Helena. Oh, Geraldo, será que nós. . .

—Eu tenho justamente dois mil réis, respondeu-lhe o irmão, e ainda dá tempo de remarmos até a ilha, se andarmos depressa.

— Não é muito longe e eu estou louquinha por ir lá, disse Cecilia com entusiasmo. *Ilha das Garças*. . . O nome lembra historias maravilhosas.

Um menino de rosto grave que estava pescando perto ouviu essa observação de Cecilia.

— Desculpem, ele disse, mas vocês estavam falando em ir à Ilha das Garças, não é ?

— Estavamos, respondeu Geraldo. Não levaria muito tempo.

— Não façam isso, tornou o menino. Vocês são novos aqui, não ? acrescentou com ar conselheiro.

— Nós — somos, disse Geraldo. Porque ?

— Porque ninguem destas vizinhanças iria àquela ilha, especialmente ao cair da tarde.

— E porque não ? indagou Cecilia com ansiedade.

O menino deu de ombros e falou:

— E' um lugar misterioso — dizem que é assombrado. Há lá uma choupana velha. Nas noites de tempestade, fica toda iluminada e ouvem-se certos barulhos tambem.

— Mas nós voltaremos logo, explicou Geraldo.

— Vão se quiserem, disse o menino com indiferença, mas vocês estariam mais seguros em suas casas.

— Nós estamos no hotel, disse Maria Helena.

— Chamo-me Geraldo, acrescentou o irmão, e esta é minha mana Maria

Helena, e aqui uma amiguinha, Cecilia.

— Eu sou Neco, disse o desconhecido. Trabalho aqui com o capitão, Abilio. Posso alugar-lhes um bote, se querem ir, mas é melhor desistirem disso. Ao menos não vão sòzinhos.

— Nós não temos medo, disse Geraldo com superioridade.

As meninas se entreolharam. Nenhuma estava mais com vontade de ir à ilha, mas não queriam fazer tal confissão. Parecia-lhes tolo admitir que estavam com medo numa tarde tão rica de luz. Porisso, depois de Geraldo ter pago o aluguel do barco, meteram-se nele sem uma palavra.

Maria Helena e o irmão sabiam remar e em pouco tempo deixaram longe o pontão. Podiam ainda avistar lá Neco que lhes acenava amigavelmente.

— Ele é tão magrinho e esfarrapado! disse Maria Helena. Deve ser muito pobre.

— Provavelmente pertence a uma familia de pescadores daqui, sugeriu Geraldo.

Pareceu-lhes curta a travessia até a ilhota. Esta, ainda que deserta, tinha um aspecto tão agradavel que as meninas a saudaram com gritos alegres.

— Lá está a choupana abandonada, disse Cecilia. Toda em ruínas...interessante, não ?

— Vamos explorá-la, falou Geraldo com emoção.

— Tenho certeza de que não vou ficar com medo, assegurou Maria Helena, olhando interessada os cipós, as vegetações e as palmeiras vergadas pelo vento.

— Não há nada a recear nesta ilha, afirmou Geraldo, amarrando apressadamente o bote a um espeque do pequenino ancoradouro.

— Cuidado para não pisarem nalgum bicho que morda, avisou Cecilia a rir, enquanto eles tomavam por um trilho arenoso, margeado de uma vegetação agreste.

Era pequena a distancia até a choupana e eles iam inteiramente absorvidos em examinar tudo que os cercava. Algum tempo depois, Geraldo voltou casualmente os olhos para o pontão e gritou :

— Olhem ! Nosso barco está flutuando ao largo !

Virando-se aterrorizadas, as duas meninas viram o barquinho que vogava ao sabor das aguas, longe do pontão onde o haviam preso.

— Nós não podemos nadar até lá ! explodiu Maria Helena. E logo vai escurecer — e o que a gente faz ?

— Se ninguem vier buscar-nos, disse Geraldo com voz alterada, teremos de passar a noite aqui !

(Continúa no próximo numero)

PROVERBIOS

Todos os talentos reünidos não valem uma virtude.

Quem lei estabelece, guardá-la deve.

Compreender e compadecer-se, eis todo o segrêdo da bondade.

Perdendo tempo, não se ganha dinheiro.

Mais vale guardar que pedir.

Quem ao longe não olha, ao perto se fere.

Amor não tem lei.

Estudante de muita bulha pouco estuda.

Não há orgulhoso que se não torne odioso.

Quem para si não sabe, não ponha escola.

Palavras sem obras, cítaras em cordas.

Quem é bom de contentar, menos tem que chorar.

O pessimista crê o que receia, o otimista crê o que deseja .

O Segundo Dia

O primeiro dia na casa de tia Regina foi muito divertido. A mamãe, tia Regina, Ester e Mariquinha fizeram um piquenique em baixo da mangueira, nos fundos do quintal. Mariquinha e Ester brincaram no monte de areia, colheram flores e comeram os petiscos em pratinhos de papelão.

— Foi um dia esplêndido! disse Ester beijando a mamãe na hora de se deitar. Vamos fazer outro piquenique amanhã, mamãe?

— Não sei, respondeu a mamãe. Amanhã veremos.

Mas no segundo dia tia Regina amanheceu doente. Ficou de cama, com uma toalha molhada sobre os olhos. As cortinas do quarto foram fechadas para ela descansar melhor no escuro.

Ester e Mariquinha almoçaram com a mamãe no terraço. Depois do almoço a mamãe disse:

— Ester, será que você pode brincar com Mariquinha no quintal? A casa precisa ficar em silêncio para tia Regina sarar depressa.

Ester pensou um minuto. Mariquinha tinha só tres anos. Ela não sabia jogar amarelinha nem trepar nas arvores, como Ester gostava. Mas tinha um rostinho agradavel, iluminado por dois olhos grandes, castanhos.

— Eu vou fazer o possivel, mamãe, disse Ester.

A mamãe deu-lhe um abraço, dizendo:

— Você é mesmo uma filhinha bonita.

Ester tomou a mão de Mariquinha e levou-a para o monte de areia. Mariquinha gostava demais de brincar na areia.

— Faça para mim uma casa, um morro e um jardim, pediu Mariquinha.

— Está bem, disse Ester. Vou fazer primeiro para você.

De si para si Ester pensava:

"E' melhor eu contentar primeiro Mariquinha, porque tia Regina está doente. Além disso, Mariquinha tem só tres anos e eu, quasi seis. Logo vou para a escola."

A areia úmida fazia cócegas nas pernas das meninas.

— E' bom brincar na areia — é bom, é bom, cantarolava Ester, trabalhando.

Às vezes Mariquinha queria ajudar e estragava toda a casa. Ester pensava: "Não faz mal ; ela não sabe ainda ajudar".

E Ester sorria e fazia outra casa. Com o tempo o trabalho ficou pronto. Ester e Mariquinha, cada qual estava com uma casa e um morro.

Então elas foram apanhar flores para os jardins. Ester achou duas—uma vermelha, grande, e outra menor, amarela.

— Você escolha qualquer, disse Ester, porque fui eu que achei.

A flor vermelha era tão alegre que Mariquinha a escolheu.

A mamãe trouxe um guarda-sol azul, bonito mesmo. As meninas bateram palmas quando o viram.

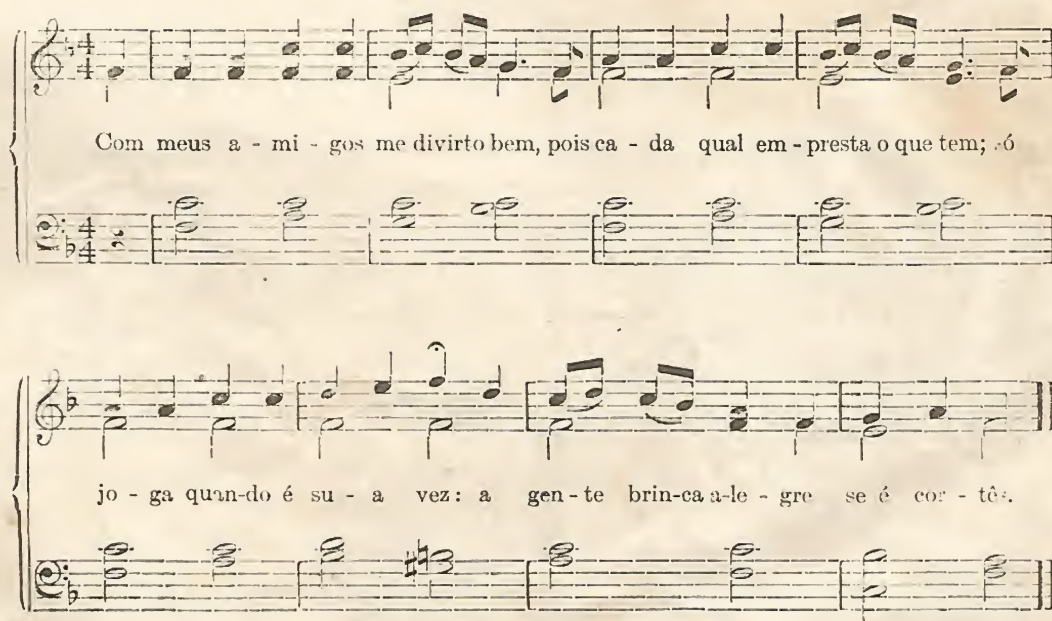
— Isto é para duas meninas que brincam com juizo no quintal, disse a mamãe.

Então Ester e Mariquinha brincaram de casa. Ester era a mãe e Mariquinha a filha. A casa era em baixo de uma mimosa florida, mas às vezes as duas iam passear pelo quintal, carregando o lindo guarda-sol. A's vezes, tambem, elas brincavam de ir à práia. O monte de areia era a praia, e o guarda-sol azul era a tenda. Elas se deitavam em baixo dele e enfiavam os pèzinhos na areia fresca.

Mais tarde, quando o sol estava muito forte, elas foram para baixo das arvores. Ester contou para Mariquinha a historia da Gata Borralheira e Mariquinha contou tambem uma, pela metade.

— Eu gosto de você, disse Mariquinha, alisando o rosto de Ester com a mão macia.

— E eu gosto das duas, disse a mamãe, que tinha acabado de chegar. Que meninas ajuizadas ! Uma, pequena, que brinca bonitinha toda a tarde, enquanto a mãe está dormindo, e outra que já é grande e sabe entreter a priminha.

E a mamãe deu uma mexerica para cada menina, enquanto cantava baixinho :

"AMOR com AMOR se PAGA"

Bernardo tinha seu coraçãozinho bem pesado e um nó na garganta, enquanto corria pelo campo em direção ao estábulo. Ele ia dizer adeus a Angélico, seu burrico acinzentado, o companheiro predileto.

— Quantas saudades vou sentir de você, Angélico! murmurou Bernardo, deitando a cabeça na espadua de seu burrico. Nunca nos separámos antes. Como vão ser longos os dias sem você !

Angélico abanou as orelhas afiladas e escutou.

— Mas, continuou Bernardo, agradando o focinho de seu burrico, mas, sabe, Angélico, o pobre do velho Manuelo precisa de você para ajudá-lo a trazer pinho dos montes. Um dos burros dele adoeceu. E Manuelo é tão bom vizinho que não posso deixar de emprestar-lhe o meu Angélico.

O burrico abaixou a cabeça como se estivesse entendendo. Parecia um pouco triste tambem, mas ficou com muito juizo porque sabia suportar tristezas.

Ele esfregou o focinho no ômbro de Bernardo, como para dizer :

— Precisamos ter coragem e ser bondosos, patrão.

Angélico seguiu Bernardo fora do estábulo até a casa deste, de porta azul. Ali estava o velho Manuelo, montado num de seus burros, conversando com a mãe de Bernardo.

— Você gostaria de vir comigo ao pinheiral, Bernardo ? perguntou Manuelo com um brilho bondoso nos olhos escuros. Sua mãe deu licença.

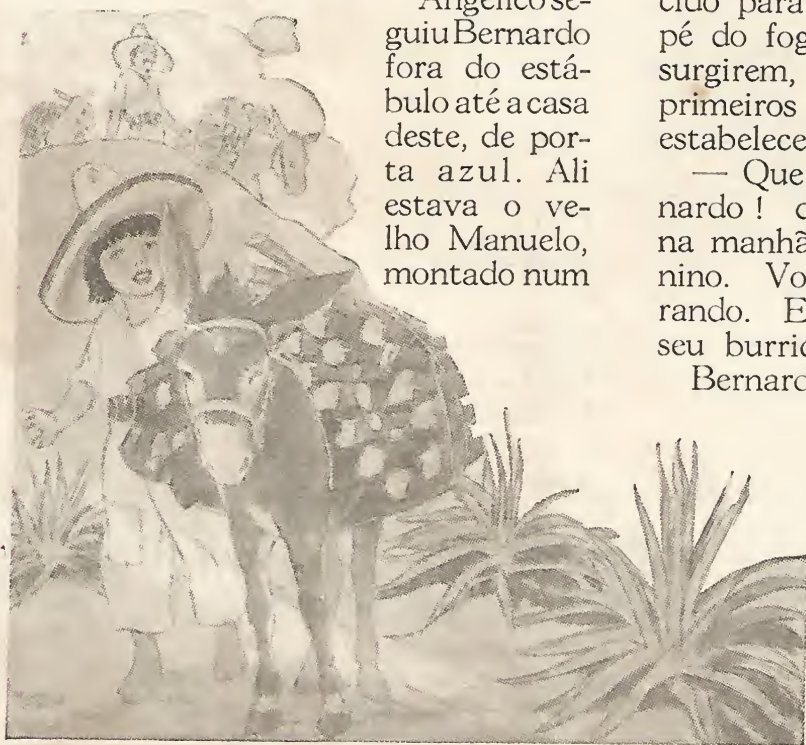
O coração de Bernardo pulou de alegria. Um passeio nas montanhas, em busca de pinho, seria como um piquenique ! E assim ele não ficaria separado de Angélico. Que maravilha !

— Oh ! *gracias*, Manuelo ! *Gracias, mamacita*, por me deixar ir ! exclamou Bernardo, pulando nas costas de Angélico e partindo a bom trote ao lado de Manuelo, rumo às montanhas.

Lá chegando, Manuelo pôs-se ao trabalho. Chop-chop-chop ! Era o seu machado a abater os pinhos e a cortá-los depois em tamanhos regulares. Enquanto isso, Bernardo tomava conta dos burros que pastavam na redondeza. Ao escurecer, Manuelo acendeu um fogo para esquentar o jantar. Como era agradavel o aroma que exalava aquele fogo e que bôm gôsto tinha o feijão vermelho ! Mais tarde, enrolando-se no cobertor de cores vivas que seu pai havia tecido para ele, Bernardo deitou-se ao pé do fogo e ficou vendo as estrelas surgirem, ao passo que pensava nos primeiros colonos espanhóis que se estabeleceram no Mexico.

— Que dorminhoco você é, Bernardo ! disse a rir o velho Manuelo, na manhã seguinte, acordando o menino. Você nem ouviu Angélico zurrando. E entôa que é uma beleza, o seu burrico !

Bernardo deu uma risada gostosa. Levantou logo, fez uma limpeza no local do acampamento e ajuntou os burros, enquanto Manuelo lenhava. Mais tarde os dois carregaram os animais. Bernardo achou muita graça nos burros, que em caminho para casa mais pareciam car-

gas de lenha com quatro pés, uma cabeça e uma cauda. Mas os burros pareciam orgulhosos de seus fardos. Escolhiam com cuidado o lugar onde pisavam, como se estivessem a pensar:

"Cautela com esta lenha que custou tanto trabalho. E' agradavel fazer um serviço com alegria e fidelidade."

O bom Manuelo e Bernardo seguiam atrás, guiando a tropa e ralhando com os burros quando se extraviavam da trilha.

— Quanto quer pela carga de um burro? gritou uma mulher da janela azul de sua casa.

Então Manuelo parou e ajustou o preço com a mulher. Depois tirou o paletó e com ele cobriu a cabeça de um dos burros, para conservá-lo quieto, deu um puxão na corda que amarrava a carga e lá se veiu abaixo a lenha.

O velho Manuelo e Bernardo carregaram braçadas de paus ao puxado da mulher. Terminado este serviço, Manuelo recebeu a paga em moedas tilintantes, fez um cumprimento rasgado e disse:

— *Gracias, Señora!*

Como resposta a mulher o abençôou:

— *Dios sea contigo!*

Com isso Manuelo e Bernardo puseram-se de novo a caminho para fazer outro negócio.

Depois que a última carga de lenha foi vendida, Bernardo recebeu uma moeda como paga do aluguel de seu burrico. Com parte desse dinheiro ele comprou um maço de cenouras, que levou ao estábulo de sua casa. E entre os bocados de cenoura, Angélico esfregava amorosamente o focinho no ômbro de seu dono. Bernardo, que compreendia bem o seu burrico, sabia que ele estava dizendo:

— Está vendo, patrão — é como eu disse: *Amor com amor se paga.* Nós ajudámos o velho Manuelo a trazer sua lenha. Fizemos um lindo piquenique nas montanhas e ainda recebemos pagamento — o meu patrão, uma moeda, e eu, estas cenouras. Obrigado pelas cenouras, patrão; seu burrico está satisfeito da vida.

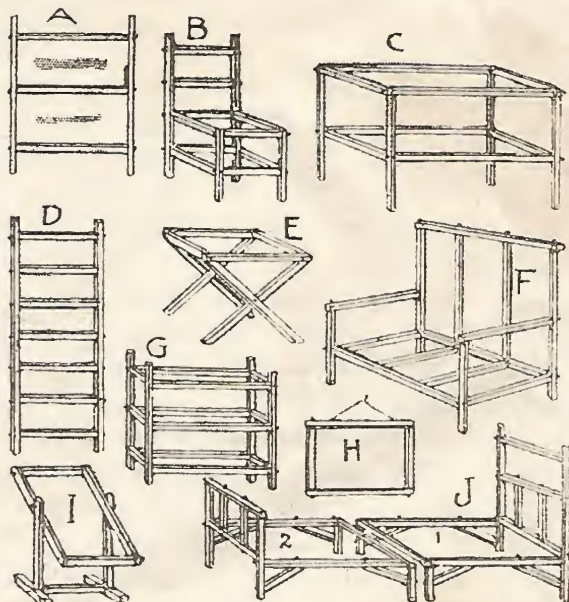
Fosforos em Ação

Por essas figuras o leitorzinho verá quanta coisa pode fazer com fósforos, papel pardo e alfinetes pequeninos (a metade do tamanho dos comuns). E com isso talvez divertirá algum amiguinho enfêrmo. Pelas gravuras, vemos:

A — Porta-toalhas (só a metade). Faça dois suportes iguais e ligue-os a um lado com papel e cola, de forma que se abram como a capa de um livro e fiquem em pé.

B — Cadeira, com um pedaço de papel pardo, colado à guisa de assento.

C — Mesa, coberta tambem com papel.
D — Escada.
E — Banco de armar.
F — Sofá.
G — Estante.
H — Moldura de quadro coberto por papel prateado.
I — Espelho.
J — Cama (em duas partes)

Se quiser colorir os fósforos de vermelho, azul ou marron, deixe os algum tempo imersos em tinta vermelha, azul ou em café. Essa mobiliazinha, feita com cuidado e capricho, é de lindo efeito.

UM DIA CHEIO

Bambo era um patinho que fazia tudo um pouco mais assim ou assado do que seus irmãos. Ele picou a casca do ovo antes dos outros. Ele aprendeu a correr primeiro que todos. Ele grasnava mais alto de que qualquer outro pato do terreiro, e ele não se rebolava, mas se *bamboleava* — quer dizer, virava o corpo ao andar, tão grandes eram os seus passos. Porisso deram-lhe o nome de Bambo.

Sua mãe tinha muito orgulho daquele filhinho e sempre pensava no pato lindo que ele ia ficar. Mas quando Mãe-Pata levava Bambo à lagoa, este nadava tão longe que só voltava depois de ela dar tres *quaques* fortes.

Um belo dia, bem cedo, Bambo subiu a um morrinho e ficou olhando o mundo em volta. Como era lindo e grande ! Ele *precisava* sair pelo mundo. Estava muito alegre e queria gozar aquele dia o mais possivel.

Primeiro Bambo desceu o morrinho bem depressa e passou por baixo da cerca. Viva ! Estava no campo ! Correu de lá para cá, porque queria ver tudo. Perseguiu um besourinho até ele entrar num buraco. Depois, comeu um bichinho de cabeça comprida.

Com essa caçada Bambo foi cada vez mais longe do terreiro e chegou na beira de um oceano. Devia ser um oceano, porque ele não podia ver o fim. Mas nesse dia Bambo sentia-se um Colombo, e caiu na agua. Ia remando com as patinhas largas, e tão depressa que deixava atrás duas listras no oceano. De vez em quando batia as asinhas e chegava a equilibrar-se em cima da agua ! Então caia de seu corpo um chuveiro de gotinhas.

Bambo encontrou-se com um pato velho que quis tocá-lo para casa, mas ele deu uma volta grande, nadando, e foi-se embora.

Enfim Bambo avistou terra do outro lado do oceano, felizmente, porque suas perninhas estavam ficando cansadas. Ele aportou na nova terra, satisfeito, bamboleando-se todo.

O sol batia quente nas suas costas amarelinhas e Bambo dormiu um pouco — mas só um pouco porque um patinho precisa comer a maior parte do tempo, senão fica com fome.

Bambo sacudiu a plumagem amarela, deu uma boa revira-volta no seu rabinho e pôs-se de novo a andar.

Comeu hervinhas, sementes, bichinhos, e de repente viu uma abelha gorda assentada numa margarida.

— *Hum* ! disse Bambo. Vou comer aquela abelha !

Mas nisso teve uma lembrança. O que foi que sua mãe tinha dito sobre abelhas ?

Então a abelha saiu zumbindo da margarida e passou rente à cabeça do patinho. E Bambo deu graças que não tinha mexido com ela, porque aquele zumbido era de tirar a valentia de qualquer camarada.

Qualquer patinho conhece as horas do dia pelo sol e pelas sombras. Mas Bambo nem reparou no tempo. Andou de lá para cá, sempre mais longe, muito ocupado em caçar e engulir finos petiscos.

De repente ele notou como as sombras estavam compridas, o tempo fresco e o capim úmido. Era mais que hora de voltar para casa e abrigar-se em baixo do calor gostoso de sua mãe. Como seria bom estar lá bem quentinho, perto de seus irmãos e irmãs !

Mas como é que a gente voltava para casa ? De repente Bambo percebeu que ele era um patinho bem pequeno e que o mundo era muito grande, até demais.

Ele correu para um lado, correu para outro. O capim parecia tão alto, agora, e as pedras, então, pareciam ter crescido ! E Bambo viu que era um patinho-nené, todo amedrontado, num campo que já ia escurecendo.

Ele começou a gritar *qua-que* — *qua-que*, mas sua voz saia sumida, exquisita mesmo. Bambo grasnou mais alto e mais depressa. Ah, se ele pudesse ouvir a voz querida de sua mãe ! Parou um pouco e escutou. Não ouviu nada. Então continuou a correr, correr, grasnando cada vez mais alto.

Nisso Bambo topou com uma cousa grande e deu a volta dela sem perceber que era o moirão da porteira do terreiro.

— Qua-que ! Qua-que ! Qua-que ! gritou Bambo.

Então ele ouviu o chamado ansioso de Mãe-Pata.

— Ah ! Aqui estou eu, mamãe! grasnou Bambo, voando na direção daquela voz querida.

— Venha ! Venha, Bambinho ! chamou de novo Mãe-Pata.

Lá estava ela, com a asa um pouco

aberta, à espera do seu patinho. Bambo sentiu então que não valia a pena fugir mais de casa — ao menos até que sua penugem se transformasse em penas de verdade.

SE fosse em tempos de outrora,
quando os desejos por vezes
cumpria uma fada boa,
toda a vida mais seis meses
queria ser um patinho,
nadar em fresca lagoa!

Quando um patinho cái nagua,
num faceiro movimento,
lembra uma flor em setim...

Na beirada onde me sento,
ele me olha, malicioso,
parece dizer assim:

—Cuidado! Fique bem quieto!
Cair nagua tem sua graça
porque eu não me afogo ou molho...
E como um barco ele passa,
remando com as patinhas,
enquanto eu só olho, olho...

Inda um dia, de cabeça,
hei de mergulhar melhor
de que tu, pato ganjento...
Tu sabes nadar de cór,
isso contigo é intuição,
mas num menino, é talento!

A Melhor Limonada

Cecilia gostava de limonada. Isso agradava muito a mamãe, porque limonada é um refresco rico em vitaminas. Por isso a mamãe sempre comprava limões para que sua filhinha os tivesse quando desejasse — e isso era diariamente.

Mas um dia a cozinheira fez uma torta de limão muito gostosa, e, quando Cecilia ao voltar da escola foi preparar uma limonada, encontrou só um limão na cozinha. Mas era o suficiente para um copo. Cecilia cortou-o ao meio e espremeu-o.

Nem bem acrescentara o açucar e a agua, ouviu uns soluços muito tristes. Pôs o copo sobre a mesa e ficou escutando. O chôro parecia vir da rua, em frente de sua casa.

Correu para fóra afim de ver o que se passava. Era a pequenina Jacira Fernandes, que estava andando muito devagar pela calçada, e chorando tanto que mal podia enxergar adiante de si.

— O que aconteceu? perguntou Cecilia, abrindo o portão e saindo ao encontro da criança.

Jacira era muito pequenina para ir à escola, mas Cecilia a conhecia porque conversava com ela sempre que passava pela sua casa.

— Eu — eu não sei mais voltar — voltar para casa, suspirou Jacira.

Ela era mesmo inexperiente. Era a primeira vez que ia para a confeitaria da esquina sòzinha. Quando vinha voltando, achou tudo tão diferente em volta dela que pensou que tivesse tomado outro caminho. Então voltou para o lado da confeitaria, mas tambem alí achou tudo diferente. E era porisso que chorava.

— Não chore, disse-lhe carinhosamente Cecilia. Eu sei onde fica sua casa, e vou já levá-la. Entre um pouquinho para eu ir avisar a mamãe.

Jacira entrou para o jardim, timidamente.

— Eu espero aqui, disse ela, com timidez.

— Está bem, concordou Cecilia. Já que você quer... Gosta de limonada?

Jacira disse que sim com a cabeça. Parára de chorar, mas ainda havia um nó na garganta que não lhe permitia falar.

Cecilia correu para dentro, e em menos de um minuto voltou com o copo da limonada deliciosa. As duas meninas sentaram-se no degrau da escada de fóra, e Jacíra foi tomando o refresco. E se você a visse depois de beber a limonada, mal acreditaria que ela tivesse chorado. Cecilia lhe contou algumas das artes que seu gatinho costumava fazer. Jacira ria, ria, por saber que o gatinho corria atrás do barbante, e depois continuava a correr mesmo que não houvesse mais barbante.

Cecilia levou o copo para dentro, e as duas crianças andaram, dobraram a

esquina, outra esquina, e — ora! alí estava a casa de Jacíra, *bem no lugar em que a deixára!* Como é que ela se perdera, então?

Já era muito tarde para Cecilia ficar, por isso ela voltou correndo para casa; mas fôra uma Jacira sorridente quem lhe disse até-logo.

— Você já fez a limonada, meu bem? perguntou a mamãe quando Cecilia entrou correndo e respirando forte.

— Sim, mamãe, respondeu Cecilia, mas como Jacira estava chorando, eu dei para ela.

Sentando-se numa cadeira da cozinha, ela deu uma risada inesperada.

— E' engraçado, é engraçado — essa foi a limonada mais gostosa que eu já fiz. Falo a verdade, mamãe: gostei dela mais do que de todas as outras — e eu não tomei nem um gole sequer!

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

SANDUICHES QUENTES

1 pão de forma (para sanduiches)
100 grs. de presunto (em fatias finas)
200 grs. de queijo (em fatias finas)
100 grs. de manteiga fresca.

Corte o pão em fatias finas, nas quais passa-se manteiga. Coloque dentro de cada sanduiche uma fatia de presunto e uma fatia de queijo fresco (de Minas ou Prata). Leve os sanduíches ao forno quente e deixe até que se derreta bem o queijo. Sirva-os quentes.

MASSA FRITA

250 grs. de farinha de trigo
50 grs. de manteiga ou banha
1 gema de ovo
1 pitada de sal
1 colher (de chá) de fermento em pó
agua fria.

Peneire a farinha e o sal; acrescente a gema, a manteiga e por fim a agua (em quantidade suficiente para formar uma massa leve). Amasse bem e deixe descansando durante uma hora. Estenda a massa com o rolo (em mesa polvilhada de farinha) até ficar bem fina. Corte em quadrados ou tiras compridas e frite em gordura bem quente até ficarem levemente corados. Ponha num papel-manteiga para escorrer. Sirva quente, com mel ou polvilhados com açucar e canela.

BOLO PARA O CAFE'

1 1/4 chicaras de farinha de trigo
3/4 chicara de açucar mascavo
1/2 colher (de chá) de canela em pó
1/4 chicara de manteiga
1/2 chicara de leite azedo ou coalhada
1/2 colher de chá de bicarbonato de soda.

Peneire a farinha, o açucar e a canela. Ajunte a manteiga e misture bem. Separe uma chicara dessa massa e ponha de lado para cobrir o bolo. Ao resto da massa adicione o leite azedo e o bicarbonato dissolvidos em um pouco de agua quente. Ponha numa forma quadrada, rasa, e cubra com a massa açucarada que foi posta à parte numa chicara. Leve para assar em forno moderado, durante cerca de 25 minutos.

a pagina dos PAIS

O DOMINIO PROPRIO

Um dos intentos da criança é obter o que deseja e quando o deseja. Isto nos fornece indicios de valor no planejar expedientes que a levem a "andar na linha". Ela comumente fará o que é necessario para obter o que deseja.

Se a criança verifica que batendo a colher na mesa e gritando com energia será servida em primeiro lugar, esse será o seu procedimento. Se observar que só ganhará a comida com modos corteses e frases delicadas, submeter-se-á a tal regulamento. Para treinar uma criança a se controlar, nada melhor que começar por bons habitos de comer.

Na sua ansia por satisfazer a fome, se ela agarra com ambas as mãos a colher com que a mãe lhe oferece alimento, esta se utilizará dessa sofreguidão para ensiná-la o domínio proprio, sem retardar o processo de alimentação. De fato, tê-lo-á apressado. Não é tanto por interêsse intrínseco pela colher que a criança a segura, mas antes por lhe parecer que assim apressa a satisfação de sùa fome. E', pois, a melhor ocasião para a mãe dar-lhe uma lição de domínio proprio. Sorrindo, afastará a colher, dizendo: "Mãozinhas para baixo; mãozinhas para baixo". Ao mesmo tempo cobrirá as mãos da criança com a que tem livre e puxá-las-á para o colo desta, mas não as manterá alí.

Ora, seria insensato esperar que um pequenito tenha presente no espirito certas idéias enquanto come. A princípio não podemos exigir que ele se lembre de conservar as mãozinhas no colo, mas a pressão delicada da mão da mãe lembrar-lh'o-à, e se a colher fôr afastada cada vez que ele intenta apanhá-la, as mãozinhas em breve se manterão no seu lugar. Quando o pequenito aprende que para a colher chegar à sua boca ele precisa controlar as mãos, fá-lo-à de boamente, pois o que mais deseja é comer o que ela contém. Se conclue que pode obter a comida mais depressa, conservando as mãos no colo, sujeitar-se-à a esta exigencia. Insista-se nisso com amor, gentileza, a sorrir, e ter-se-à ensinado uma valiosa lição de dominio proprio.

Esse treino não obstará a aprendizagem do uso das mãozinhas, pois passada a primeira fase do apetite, quando já sua impaciencia foi abrandada, a colher ser-lhe-à dada para a devida manipulação. Pouco a pouco, na mesa, essas lições de dominio proprio em reprimir impulsos podem ser ensinadas sem muito palavreado nem recriminações. Essas ocorrências não se devem transformar em explosões de cólera. Toda a impaciencia da criancinha deriva de impulsos que são absolutamente necessarios ao desenvolvimento de um corpo humano perfeito.

A impaciencia é caracteristica da infancia. Sofreá-la por supressão de fora é raramente satisfatorio e ainda assim de efeito temporário. Quando se distribuem presentes a crianças, há muito empurrão violento, correrias e pulos. Os páis devem segurar os presentes fora do alcance dos pequenos e esperar com um sorriso e simpatia até que se restabeleça certa calma nos movimentos de seus corpos, com o que terão ensinado uma valiosa lição de controle, sem uma regra de conduta. A eficiencia de tal treino dependerá de prática constante. Se um pequeno fanfarrão se socorre de seus expédientes violentos para com outras crianças, com resultado satisfatorio, recusar-se-à a aprender a lição de dominio proprio em favor de outrem e se tornará sempre mais astuto na sua arte.

A mãe que insiste nesse treino não tem a aborrecê-la uma criança choramingas, que reclama o que lhe foi recusado. Até a criança mimada pode educar-se quando a educadora tem fibra bastante para recusar positivamente fazer-lhe algo que ela pede a chorar. Um choramingas indica que seus páis não têm vontade forte, porque as crianças são inteligentes e depressa aprendem a fazer o que é necessario para obter o que desejam.

Do dominio proprio advem aquela coragem que habilita o individuo a encarar a adversidade, seja esta uma molestia, bancarrôta ou tentação de ordem moral. Esta coragem requer todas as forças em reserva, escondi-

das na contextura da alma humana que, firme e confiante na sua potencialidade, enfrenta a vida tal como se lhe apresenta e ganha o embate. Esta coragem é igualmente desconhecida do lutador impaciente e do que nunca aprendeu o dominio proprio.

Os páis têm poucos deveres mais nobres de que este : cultivar nos filhos o habito de se controlarem. E' exclusivamente uma questão de treino mental e urge que os páis se compenetrem do fato que a menos que desenvolvam nos seus filhos os habitos mentais necessarios para cumprirem deveres morais, será inutil ensinar-lhes principios retos.

Muita gente de bons principios morais comportam-se mal porque não têm o maquinismo mental necessario para impôr a si mesmos tais principios. Esse maquinismo mental precisa ser cultivado e não ha para isso método melhor e mais seguro que ensinar desde a infancia o dominio proprio nas atividades físicas que brotam dos impulsos espontâneos dos pequeninos.

O controle da linguagem é, se possivel, ainda mais importante, e pode ser feito por meio de um treino sério. Quando a criança aprende que usando de uma linguagem cortês, repetindo o que seja agradavel a respeito de seus irmãos, irmãs e amiguinhos, atribuindo motivos razoaveis aos atos alheios — quando aprende que tal linguagem é o veículo para a realização de seus desejos, deliberadamente cultivará tal habito de linguagem.

Um louvor judicioso por bons habitos que se formam, esparzido generosamente sobre os pequeninos, produzirá muito melhores resultados de que punições violentas, porque as crianças correspondem a uma apreciação sincera de suas atitudes. O efeito inconciente desse treino compulsivo e de todo satisfatório e obtido sem grande pena. O mundo estaria bem mais isento de dores se fosse tomado a peito o ensino de dominio proprio por lições cuidadosamente preparadas.

• • •

— Foi sem querer, Orlando, disse-lhe a mãe quando, ao sair da sala, derrubou a cadeirinha do menino.

Minutos depois ela pediu, do outro cômodo:

— Orlando, faça o favor de trazer minha tesoura ?

— Ela disse tambem "muito obrigada" ? perguntou um menino que brincava com Orlando, depois de este ter levado a tesoura à mãe.

— Naturalmente que disse, replicou Orlando. Mamãe sempre agradece.

— Sua mãe fala tão delicada com você como se não fosse para o filho dela, retrucou o outro menino, admirado. Eu pensava que os grandes não tinham de ser polidos com os filhos !

Não é sempre com facilidade que a criança se afaz às pequenas cortesias da vida. Por vezes os páis têm uma luta sem tréguas para tornar automático o hábito de dizer *Faça o favor* e *Muito obrigado*. Exige-se de contínuo o uso desta fórmula de cortesia e a criança continua a esquecer-se dela. Talvez os esforços dos páis fossem mais eficientes se eles procurassem, cada qual de per si, praticar a polidês no contacto diário com seus filhos. Se os páis dizem *Faça o favor* para uma criança, esta certamente será levada a replicar *Muito obrigado*. Mais vale antes usar e repetir estas palavras do que supor que o *Faça o favor* vai sair a tempo e hora, como um coupon em caixa registradora. Algumas vezes os adultos parecem pensar que a polidês é moeda corrente só entre eles, esquecendo-se de que uma criança ama, respeita e procura imitar aqueles que a tratam como a uma personalidade. E' comum um adulto tratar amavelmente uma criança amiga, mas não ao seu filho. Entretanto, este é o caso de se dizer que, como a caridade, *a polidês começa em casa*. Assim que uma criança principia a entender as palavras, aprende o significado do *Faça o favor* e *Muito obrigado* que lhe dizem os páis e logo os imitará no mesmo tom de voz e na atitude que estas palavras requerem.

O pai e a mãe não sòmente estarão assim ensinando os filhos, pelo seu exemplo, a usarem palavras delicadas, mas tambem desenvolvendo neles o respeito próprio e a dignidade. Realmente, essas palavras tão pequenas têm valor inestimavel como elementos que favorecem a formação de um ambiente feliz de vida familiar.

A ULTIMA PEÇA
do Snr. Habito

Parecia quasi inacreditavel que qualquer criança pudesse ter, como Mario, tantas *boas* qualidades a par de algumas *más*. Ele era um menino simpático. Sabia sorrir de um modo a que até os estranhos correspondiam com a ductilidade de um espelho. Além disso, era polido e bondoso, o que, naturalmente, o tornava o favorito entre seus companheiros, entre os velhos e os inválidos. Levariamos muito tempo se quisessemos enumerar tudo que de bom pudessemos dizer sobre Mario.

Mas de mistura com tão belas qualidades ia aquele hábito que se lhe apegava como parasita. Não obstante as frequentes advertências e as resoluções sinceras por abandoná-lo, o defeito persistia sempre. Talvez isso se désse por não resultar dele nenhuma consequencia séria. Os adultos chamavam àquilo "falta de sistema", o que em linguagem clara queria dizer simplesmente que Mario nunca podia achar os livros e brinquedos que guardava, sem confusão e perca de tempo.

De uma feita, quando o José veiu brincar por uma meia hora, Mario gastou quinze minutos procurando seu trenzinho elétrico. Outra vez, a vovó prometeu ler alto uma historia que Mario lhe pedira. Ele correu procurar o livro, mas quando o trouxe ela reparou que estava faltando uma página bem no meio da história.

— E, disse a vovó, olhando para Mario de um modo desconcertante, pela aparencia do resto do livro, posso crer que faltam muitas outras páginas ou estão em lugar errado.

Os olhos de Mario encheram-se de lagrimas de desapontamento. Ele tomou o livro das mãos da vovó e começou a colocar as paginas soltas nos lugares certos. Afinal de contas, não tinha gôsto em ser descuidado dêsse jeito com as coisas. Mas a fôrça do hábito póde beneficiar-nos quando nos tráz à lembrança as coisas acertadas a fazer, ou póde trair-nos quando aplicada indevidamente.

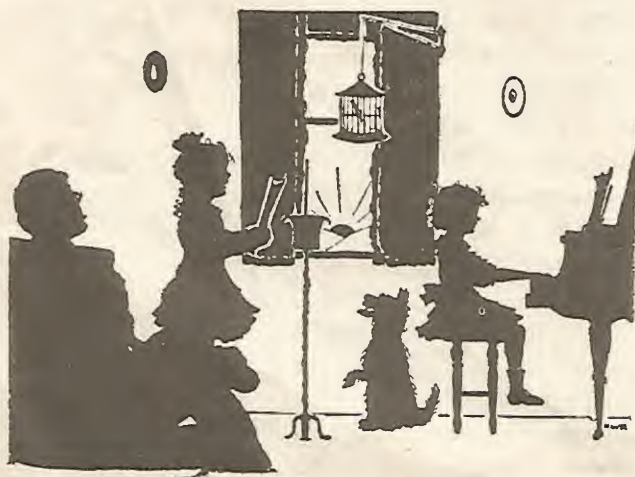
Foi em novembro que a professora de musica de Mario, D. Enedina, anunciou aos seus alunos que eles iriam ter a oportunidade de tocar numa audição que se realizaria em fevereiro. Mario, cheio de entusiasmo, correu para casa a dar a nova a sua mãe.

— Vou estudar uma hora, todos os santos dias, mamãe, ele declarou. A senhora sabe que D. Enedina acha que eu toco muito bem; porisso não vou desapontá-la.

E Mario cumpriu sua palavra: os longos dias de verão eram muito quentes, mas isso nunca impediu que ele estudasse. Por vezes era bem dificil, especialmente quando ouvia as vozes de seus amiguinhos que se divertiam no jardim fronteiro. Mas Mario gostava de música; sonhava mesmo vagamente com o dia em que, ao seu toque, visse alegria despertada em rostos fatigados. E nessa resolução ele prosseguiu até a tarde do dia esperado.

Mario sentiu-se quasi um homem enquanto ajuntava suas musicas e saia com os páis para o Conservatório. Lá, reuniu-se aos demais alunos e soube por D. Enedina que seu número seria no fim do programa. Meninos e meninas, aos grupinhos, falavam baixo ou se quedavam receosos da ordem de entrada. Todos traziam as peças respectivas, pois em se tratando do seu primeiro recital, D. Enedina não exigira que as decorassem.

Finalmente começou a audição. Mario escutava, suspenso, aqueles que o precediam. Alguns tocaram bem, outros não. Todos de-

monstravam claramente nervosismo ou receio. Mario sabia que podia tocar seu sólo sem um erro, em casa ; mas não era a mesma coisa tocar alí, ele o sentia. Quando afinal chegou a sua vez e defrontou-se por um segundo com aquele mar de rostos, ficou com medo. Mas isso passou logo. Ele tinha uma mensagem musical para lhes dar e estava pronto a fazê-lo. Seu pai e sua mãe, sentados alí na frente, com expressão de tanta expectativa nos rostos — ele não podia envergonhá-los!

Sentou-se com aprumo, de acordo com as instruções de D. Enedina, o que ajudou a acalmar o nervosismo. Depois abriu sua musica. Repentinamente verificou nela uma atrapalhação terrivel. Lá estavam as paginas um e quatro, mas faltava a folha que continha as de numero dois e tres ! Mario ficou um instante aturdido. Quando estudava sua peça, nunca tentara tocá-la de cor. O único recurso seria bandonar o palco, contar a D. Enedina o seu descuido em não verificar em casa se a música estava completa e ir embora. Nunca, nunca mais poderia encarar D. Enedina e contar com a sua costumeira paciencia e boa-vontade.

Já estava quasi a levar a efeito esses planos, quando teve uma idéia que a princípio julgou quasi louca. E se fosse tocando a pagina um, que tinha diante de si e confiasse na sua memoria para ir avante, até o fim? Se ele pudesse !

"Vou tentar", pensou consigo mesmo, apertando os labios. "Sei que D. Enedina gostaria que eu fizesse isso".

E pôs-se a tocar. Já não sentia o menor medo do publico. Concentrou-se todo na sua musica e esperou ansiosamente a recompensa por tantas horas de estudo cuidadoso. De modo surpreendente seus dedos deslizaram sobre o teclado, da página um para a página dois, sem a menor indecisão, ao passo que o coração se lhe enchia de contentamento. E assim foi até que finalmente terminou a peça sob aplausos estrepitosos. Corando, um tanto confuso após tão estranhas emoções, Mario quasi se esqueceu de agradecer ao público ; mas ao virar-se para cumprimentar, viu alegria estampada nas faces de seus pais e ficou contente. D. Enedina sorriu para ele e segredou :

— Saiu-se esplendidamente, Mario ; estou orgulhosa de você !

Mario sorriu tambem, mas não disse palavra. Estava resolvido a não contar a ninguem o sucedido, ainda que podiam elogiar-lhe a capacidade de tocar o sólo quasi todo de cór.

"Foi uma lição-mestra", pensou Mario. "Nunca mais serei descuidado. Para dizer a verdade, eu não merecia sair-me tão bem. Mas se esse velho Snr. Hábito pensa que me vai pregar outra peça destas, está enganado. De agóra em diante, meu lema vai ser *Um lugar para cada coisa, e cada coisa em seu lugar.*

Que farias tú?

Gusmão e Horacio eram vizinhos. Os dois meninos queriam o serrote que havia à venda na casa dos dois mil reis. Era o ultimo serrote, e bem bonito, de cabo vermelho. Cada um deles tinha economias que bastavam para comprar aquilo e ambos se encontraram na loja. Gusmão disse :

— Sabe, Horacio, com o tostão que arranjei hoje de manhã eu posso agora comprar este serrote.

Horacio acudiu logo :

— Mas *eu* ia comprar o serrote.

Gusmão replicou :

— Eu cheguei aqui primeiro !

Horacio disse :

— Mas fui eu que vi o serrote primeiro e falei a respeito dele com você.

Como poderiam os meninos solucionar essa questão sem brigar ? Passe um traço de lapis em baixo da sentença que mais satisfaça ao leitor.

1. Os meninos podiam cada um pagar a metade do preço do serrote, e dividir entre si o tempo de seu uso.

2. Um menino podia comprá-lo e o outro esperar até a chegada de novo estoque ou adquirir o serrote em outra loja.

3. Um menino podia comprar o serrote. O outro compraria utensilios diferentes. Ajuntando tudo, os dois montariam uma oficina na garage, onde poderiam brincar.

Paderewski *como o conheci*

Impressões de Henry Purmort Eames, compositor, ex-presidente da "Sociedade dos Musicos Americanos", mais tarde da "Faculdade de Piano" e do "Conservatorio Americano de Chicago".

Vocês gostariam de ouvir algumas historias verdadeiras sobre Paderewski, um dos maiores pianistas vivos, grande patriota e estadista polaco?

Em 1933 ele visitou a America pela decima setima vez desde 1891. Foi então que, alegre e rijo apesar dos seus setenta anos, deu setenta e cinco recitais de piano diante de milhares de americanos apreciadores de musica, que iam ouví-lo com o respeito de quem vai a um santuario — para gozar não só da beleza de sua musica mas da beleza da presença e personalidade do pianista.

Por mais de quarenta anos esse genio polaco, que é ao mesmo tempo homem afavel, tem sido aclamado como o melhor pianista, e durante esse período persevera estudando e progredindo, nunca satisfeito com a sua propria execução. Como compositor, é um dos grandes criadores polacos. Como estadista conseguiu, quasi sem auxilio, que sua amada Polonia renascesse como nação depois da Grande Guerra.

Crianças, eu conheço Paderewski e julgo-o um dos grandes homens do seu tempo. Vocês precisam ouví-lo e vê-lo para tambem sentir o poder da sua personalidade, como os seus páis e seus avós fizeram, porque é uma memoria que se torna mais cara à medida que vão passando os anos.

Na temporada dos concertos de 1891-92 meu professor e eu fomos ouvir a orquestra no Chicago Auditorium. No momento em que o solista entrou no palco e sentou-se diante do grande piano, vi então um belo polaco que apresentava trinta e um anos, com um todo pensativo e poetico, uma cabeça coroada de cabelos vermelhos — dourados.

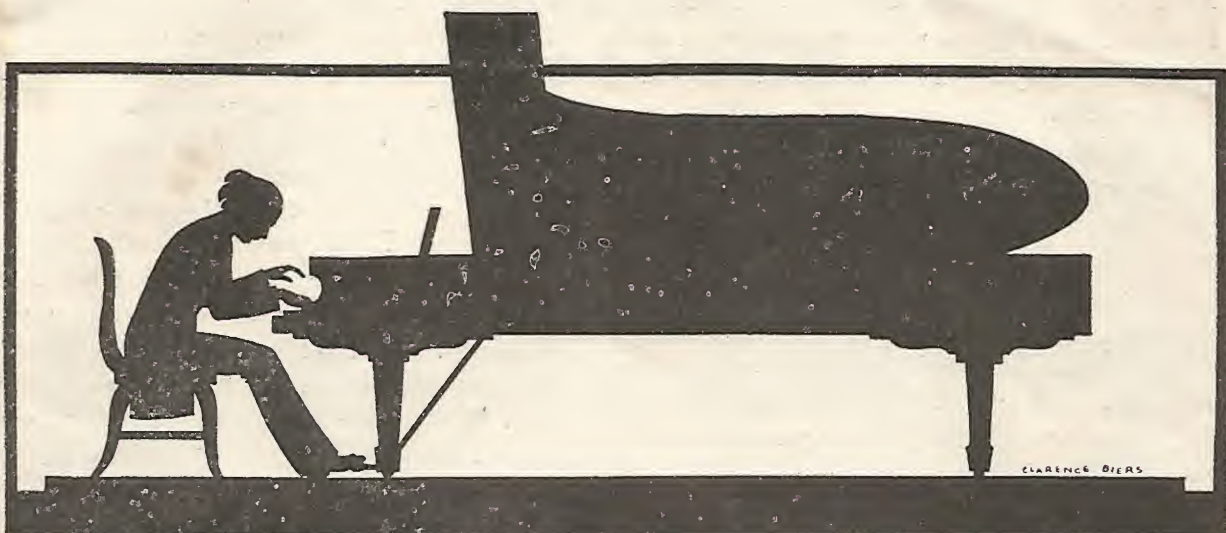
Mas, *Paderewski tocou*! E a orquestra, o seu famoso regente, o publico, a imprensa, todos ficaram fascinados. Nenhum pianista, desde Anton Rubinstein, suscitou tamanho delirio por parte do auditorio. Deu, na sua primeira "tournée", cento e sete recitais de piano em noventa dias e desde então tem sido sempre o Principe dos pianistas. Assisti a todos os recitais que esse artista perfeito deu na minha cidade, tornando-se ele para mim o que até hoje é — meu herói!

Mais tarde, (1908-10) ele bondosamente despendeu comigo seu valioso tempo, seus conselhos artisticos e pedagogicos, até em minucias e, o que mais me honra, tornou-se meu amigo. A linda residencia de Riond-Bosson, do Snr. Paderewski, da Snra. Paderewski e sua irmã, Sra. A. Welkouska, por todos querida, tornou-se a Mecca de minha familia, onde somos sempre recebidos de braços abertos, de modo hospitaleiro e amigo, como costumam ser os polacos.

Agora, minhas crianças, vocês estarão pensando:

"Esse homem nunca começa a contar as historias que prometeu sobre o Snr. Paderewski?"

Vou contar historias, sim, mas não me posso furtar à tentação de discorrer sobre a personalidade notavel desse homem que tive o privilegio de conhecer.

Como todos os homens e mulheres verdadeiramente grandes, ele ama as crianças e elas o amam. Uma das terriveis provações de sua vida foi o longo sofrimento e finalmente a morte de seu filhinho unico, e desde então ele e a boa esposa foram pelo mundo, amando, acolhendo e auxiliando crianças. Certa vez, andando pela aldeia suissa de Morges, encontrámos, o Snr. Paderewski e eu, algumas crianças brincando, ou melhor, brigando no caminho poeirento. Imediatamente esse homem famoso esqueceu tudo e só viu diante de si aquelas crianças. Foi brincar tambem no chão, e é tão franco o seu riso e tão simples seu senso de alegria que as crianças logo ficaram satisfeitas, em paz. Não queriam mais que ele fosse embóra e pediram-lhe que ficasse brincando.

Levei certa vez à conferencia de piano minha filha Jane, de cinco anos, e ela e o mestre estavam brincando e rolando pelo chão da sala de musica quando Jane de repente deixou de embaraçar os famosos cabelos do mestre e gentilmente proferiu estas palavras, que tanto me afligiram :

— Oh, Snr. Paderewski, que bom que papai lhe dá lições !

Meu coração parou de bater ! Mas não precisava ter sucedido tal, pois o mestre compreendeu o engano da pequenita ; estalando uma risada gostosa, abraçou-a e declarou :

— Porisso ele tambem está muito contente.

O amor aos animais, mansos ou não, é um sentimento que devia ser cultivado com carinho por cada criança. Grandes corações como o de Paderewski têm lugar bastante para amar os passarinhos e os animais. Ele gosta de tê-los junto a si e estes parecem estar sujeitos ao mestre a um gráu inacreditavel. E como consegue dominá-los tão depressa? Eu *sei* que os domina. Pois vou explicar a razão : ele possui tres qualidades que você e eu devemos ter ou deviamos cultivar — amor, coragem e paciencia infinita. Essas qualidades estão aliadas no Snr. Paderewski. Ele ama Deus e toda a sua criação ; é absolutamente desprovido de qualquer temor fisico ou moral, e tem pacientemente procurado alcançar a perfeição no seu piano. Creio que sua observação prediléta era que "genio é dez por cento inspiração e noventa por cento transpiração", o que significa que trabalho, trabalho, trabalho, é o meio de uma pessoa se aperfeiçoar, ainda que possua talento. Richard Wagner, Bismarck, Maeterlinck, Roosevelt, Paderewski e muitos outros homens famosos têm sido amigos dos animais e possuido as qualidades que mencionei.

Minha esposa e eu estivemos presentes em uma das brilhantes reuniões que costuma haver na casa do Snr. Paderewski, no lago Genebra, em cada trinta e um de Julho, dia de Santo Inácio, que, como vocês sabem, é o nome de Paderewski. Que memoravel aquela festa ! Seus amigos, em geral pessoas de valor mundialmente reconhecido, enchiam os espaçosos salões — Snra. Marcella Sembrich, a grande cantora polaca, Josef Hofmann, Ernest Schelling, pianistas e compositores celebres, artistas, diplomatas e estadistas notaveis. (O Snr. Paderewski apreciou sempre a pintura e escultura e tem ajudado muitos estudantes de artes). Era um desfile de gente famosa.

A Snra. Paderewski era bem o que seria a mãe de vocês — a vida da festa. Ela dansou, vestida a carater, as mais gentis e alegres dansas da sua terra natal, a Polonia. Cada pessoa tocava ou cantava ou narrava historias. O Snr. Paderewski pediu que eu tocasse "American ragtime" para estimular a alegria e, crianças, eu até hoje me entristeço por não ter podido tocar "ragtime" para entreter quem tanto fez por mim. Mas infelizmente eu não o sabia, como tambem não saberia tocar "jazz" se o mestre me pedisse isso naquele momento. A qualquer outra pessoa no mundo eu não atenderia, mas se Paderewski me pedisse para tocar canções sentimentais hawaïanas, eu gostaria de fazê-lo. (No meu parecer, o bom jazz, se não é na verdade boa musica, é ao menos mais saudavel, melhor e mais alegre que as mórbidas musicas modernas hawaïanas, de estilo agua com açucar.

Essa não é *realmente* a musica hawaïana. Se assim fosse, aquele povo nunca se teria desenvolvido em *foot ball* e em outras atividades varonis).

A lembrança do "jazz" fez-me pensar em Paderewski como hospedeiro, empenhado em distrair os outros. Em um grupo de crianças de nove nacionalidades ele pode contar historias lindas a cada uma na sua propria lingua. Distrai-se alegremente com jogos, desde o bilhar ao gamão. Contou-me certa vez um incidente da historia de Tom Sawyer, de Mark Twain, quasi com as palavras exatas do livro. E' um grande humorista, com esplendido repertorio de historias de homens famosos, seus amigos, um verdadeiro apreciador da liberdade e oportunidade para todos os homens. Ele mostrou amor pela Polonia, pela musica e arte polacas, através de tudo que tem feito na sua vida. Trabalhou mais que qualquer outro pianista para tornar a musica de seu compatriota Chopin amada pelo mundo inteiro.

Contou-me que suas primeiras lições de piano foram-lhe dadas em um pequeno orgão por um violinista ambulante e que lhe foi sempre familiar a musica selvagem e queixosa dos ciganos. Desde esse dia a ternura, a ferocidade, a energia e colorido das musicas ciganas influem na sua execução, mas nunca se assenhoreiam da sua mente esclarecida. Um grande pianista (ou um pequeno) é um ator. Ele precisa sentir a expressão da musica; precisa fazer a sua parte, não exteriormente, mas no seu proprio interior, e além de tudo isso precisa conservar a mente descansada para guiar e controlar seus sentimentos. Assim, meus amiguinhos, é Paderewski! Ele toca com expressão profunda e convincente, mas guarda ao mesmo tempo o ritmo, as notas e o tempo, corretas e controladas.

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Quando a mamãe foi acordar Cordélio, de manhã, o menino ergueu-se de mau humor.

— Mamãe, ele disse, eu estou hoje aborrecido porque ôntem o Mauro disse que nunca mais há de vir em nossa casa.

— E porque? interrogou a mamãe.

— Porque briguei com ele, respondeu Cordélio.

— Mas isso foi *ôntem*, disse a mamãe. Hoje você pode fazer as pazes com Mauro e pronto!

— Eu poderia falar hoje com o Mauro se tivesse tempo, mas não posso porque preciso estudar o dia inteiro. Tenho aquele exame horrivel amanhã e ainda nem li os pontos.

— Mas o exame é amanhã, Cordélio, e você não vai gravar as lições com o coração assim pesado. E' melhor vestir-se, tomar seu café e ir falar com Mauro. Depois estude. Até amanhã vão muitas horas e você poderá preparar-se para o exame.

— Será que vou ser feliz no exame amanhã, mamãe? perguntou Cordélio com a voz aflita.

— Estou certa de que sim, meu filho, se você fizer hoje as coisas direitinho. Ponha em ordem as coisas de hoje e não se preocupe tanto com o amanhã.

A mamãe fez uma pausa e depois disse:

— Mas antes de tudo, Cordélio, vamos começar o dia pedindo a Deus que nos dê força para fazermos a Sua vontade neste dia. Ele nos prometeu dar forças para *hoje*, e não para ôntem ou amanhã.

Cordelio pensou um instante, depois ajoelhou-se ao pé da cama, ao lado da mamãe, e orou:

— Papai do céu, ajuda-me hoje a pedir desculpas ao Mauro e a estudar com coragem, Amen.